

# Poder imperial e lugares de culto nas representações numismáticas do principado de Cláudio

*Imperial power and places of worship in the numismatic representations of Claudius*

**Willian Mancini\***

**Resumo:** As fontes numismáticas são um importante vestígio para a compreensão de aspectos das sociedades antigas. Um dos aspectos elucidados por este tipo de fonte é o religioso, representado através de divindades louvadas, templos importantes ou rituais exercidos nas sociedades. No contexto do Império Romano, percebe-se que esta temática divide espaço com o poder imperial e o objetivo de estabelecer uma identidade local. O objetivo deste artigo é mostrar, através das emissões numismáticas, como este processo ocorreu em algumas localidades do Principado de Cláudio.

**Abstract:** The numismatic sources are an important vestige to understand aspects of ancient societies. One of these aspects that are elucidated by this type of source is the religious one, represented through praised deities, important temples or rituals. In the context of the Roman Empire, one realizes that this theme shares space with the imperial power and the purpose of establishing a local identity. The objective of this article is to show through numismatic emissions as this process occurred in some localities of the Principate of Claudius.

**Palavras-chave:**

Cláudio;  
Império Romano;  
Numismática;  
Aspectos religiosos;  
Identidade local.

**Keywords:**

Claudius;  
Roman Empire;  
Numismatic;  
Religious aspects;  
Local identity.

---

Recebido em: 11/03/2015  
Aprovado em: 20/04/2015

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), sob orientação do Prof. Dr. Fábio Faversani.

A numismática nos permite perceber uma série de elementos presentes dentro da sociedade romana. Dentre estes elementos, a religião é muito presente nas representações numismáticas, seja através da representação de deuses, seja através de representação de templos, ou até mesmo de pessoas exercendo sacerdócio ou práticas religiosas. O que pretende-se apresentar, neste artigo, é como tais representações se desenvolvem nas moedas ao longo do Principado de Cláudio, tanto em nível de moedas ditas imperiais quanto as provinciais. Com esta abordagem, visa-se a debater como estas representações de templos e estátuas locais objetivam estabelecer uma identidade provincial e local, em meio a uma estrutura imperial que se estabelece através de magistraturas relacionadas aos cultos, tais como o pontificado máximo e demais sacerdócios.

Segundo Williams (2007, p. 144), vários foram os elementos utilizados nas moedas para representar a religião e o religioso. Locais religiosos, como templos, altares e monumentos e práticas religiosas, como sacrifícios e cerimônias, são elementos que permanecem presentes nas moedas até a deposição do último imperador romano. Outro elemento muito comum ligado a esta prática religiosa é a distribuição de grãos. E o que tais elementos, presentes nas moedas, implicaria na representação do religioso?

Tendo como modelo os gregos, as primeiras moedas romanas do final do século IV a.C. começaram a trazer figuras de deuses greco-romanos, tais como Marte, Hércules, Júpiter, Apolo e Minerva, e símbolos ligados às práticas religiosas, como águias, tripé e caduceu. Mas, a partir de 130 a.C, há uma revolução quanto ao uso das moedas. O conselho responsável pela "Casa da Moeda", formado por três magistrados (*tresviri monetales*) responsáveis pelas cunhagens de moedas e seus elementos, começaram a aplicar, nas moedas, símbolos de escolha pessoal, e passaram a valorizar através destes a história de suas famílias. Logicamente essa revolução no uso das moedas é consequência das transformações pelas quais a República romana estava passando nos seus dois últimos séculos. A autopromoção se fazia cada vez mais necessária para a classe política na disputa por magistraturas importantes.

Tendo como exemplo o *lituus*, instrumento utilizado pelos áugures, em uma moeda republicana, este, num primeiro momento, poderia simplesmente indicar que determinado indivíduo (magistrado) representado na moeda era um membro com grande influência política dentro do colégio dos *augures*. Ou, tomando como referência os tempos finais da República e começo do Principado, o *lituus* poderia remeter a Augusto, que em 42 a.C., após entrar para este colégio, passa a ter estátuas equestres com o *lituus* em suas mãos. Mas, para além desse simbolismo, o *lituus* tem uma função religiosa, abrangendo uma

forte ligação com os especialistas em augúrios, que remete a Rômulo, fundador de Roma. Williams (2007) ainda afirma:

*O lituus*, então, era um símbolo de poder emocional, bem como o fornecimento de informações factuais sobre o *curriculum vitae* do indivíduo com o qual foi associado sobre a moeda, um símbolo capaz de invocar em espectadores romanos sentimentos fortes sobre a relação única de sua comunidade com seus deuses, e sobre os augúrios que desempenharam um papel importante na mediação dessa relação. O que o aparecimento cada vez mais frequente de símbolos religiosos nas moedas dos anos 130 a.C. em diante também revela é que o poder dessas imagens não era meramente uma inovação de Augusto nas moedas, mas algo que teve suas raízes e antecedentes no período republicano tardio.

Segundo C. Howgego, em sua obra *Ancient History from coins*, os romanos da era imperial continuaram com a tradição republicana de cunhar nas moedas expressões de suas mais diversas religiosidades, e mesmo mantendo certa circunspecção, essas expressões de divindades se mostraram com um elemento forte de expressão e justificação do poder. Inclusive, os próprios imperadores passaram a assumir um caráter divino, sendo por diversas vezes representados como deuses nas moedas, principalmente e de forma direta, após a morte quando por vezes lhes era concedido o título de *divus* (divino). A menos que sua memória fosse repudiada, este status era estendido aos membros mais próximos da família imperial. Em alguns casos, esta caracterização como ser divino era praticada ainda em vida, como cita C. Howgego (2001), o que foi acontecendo ao longo dos governos subsequentes a Augusto:

Agripina foi mostrada usando uma coroa de milho sob Cláudio, Nero adotou a égide (o emblema de pele de cabra de Júpiter e Minerva) e o uso de coroa radiada. Este último, que tinha sido, e continuou a ser, uma marca dos *divi*, veio a ser utilizada para todos os imperadores como uma designação comum de determinadas denominações.

Os imperadores também foram ao longo do tempo associando a sua imagem a divindades, de modo a estabelecer certa conexão com atributos que o deus, em questão, carregava consigo, e que já eram de conhecimento público. Desta forma, qualquer indivíduo que observasse uma moeda poderia estabelecer a conexão entre a representação do imperador e determinada característica da divindade cunhada no reverso da moeda. Desse modo, no período de Augusto surgiram imagens dele associado a Marte *Uitor*, o que o caracterizava o *princeps* como vingador depois de sua vitória em Ácio (Figura 1) (Anverso: efígie de Augusto com a inscrição IM IX TR PO V/ Reverso: MART VLTO[R]) e a Apolo *Actius* (Figura 2) (Anverso: busto de Apolo / Reverso: Augusto conduzindo um arado e a inscrição IMP CAESAR).

**Figura 1:** RIC *Augustus* 507

Fonte: [http://wildwinds.com/coins/sear5/s1589.html#RIC\\_0507](http://wildwinds.com/coins/sear5/s1589.html#RIC_0507).

**Figura 2:** RIC *Augustus* 272

Fonte: [http://wildwinds.com/coins/imp/octavian/RIC\\_0272.1.jpg](http://wildwinds.com/coins/imp/octavian/RIC_0272.1.jpg).

Essas relações entre imperador e divindade ocorrem por duas vias: a primeira está relacionada às virtudes que o imperador é referido i.e.: *Aequitas* (Igualdade), *Clementia* (Clemência), *Liberalitas* (Generosidade), *Pietas* (Religiosidade) e, no caso para o Império como um todo, *Salus* (Saúde), *Spes* (Esperança), *Securitas* (Segurança), *Felicitas* (Prosperidade), *Hilaritas* (Alegria). Representações desse tipo, envolvendo as virtudes imperiais, segundo Noreña (2001), eram mais comuns do que imagens relacionando o imperador a membros da família imperial.

Algumas dessas características passaram a receber culto público, e outras só continuaram a ser frequentes em moedas e poucas representações artísticas. Destaca-se que a cunhagem de imagens de virtudes imperiais tendeu a ser uma prática predominante nas moedas imperiais, sendo raros os exemplos em moedas provinciais. Segundo Williams (p. 157), o imperador era visto como o “autor público” da cunhagem de moedas em Roma e o regulador do sistema de produção dentro das oficinas de cunhagem. Desse modo, caberia ao imperador escolher todos os elementos que estariam presentes nas moedas, em que quantidade tais moedas seriam cunhadas e seu fim.

No principado de Cláudio, temos poucos mas marcantes exemplos desse tipo de cunhagem relacionada ao culto das virtudes imperiais. A primeira e mais abundante em todo o seu principado é a *Constantia* (Perseverança). Nas moedas claudianas, a *Constantia* é representada em uma moeda que traz no anverso a efígie de Antônia, mãe de Cláudio, com a inscrição ANTONIA AVGVSTA, e no reverso traz Ceres segurando em uma das mãos uma tocha e na outra uma cornucópia e a inscrição CONSTANTIAE AVGVSTI (Figura 3).

**Figura 3:** RIC *Claudius* 65



**Fonte:** [http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1898.html#RIC\\_0065](http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1898.html#RIC_0065).

Antônia fora sacerdotisa do culto do Divino Augusto, de quem a autoridade imperial teria fluído. Mas, quando analisamos os fatos que ocorreram nos primeiros anos do Principado de Cláudio, narrados por Suetônio (*De Vita Caesarum Divus Claudius*, X-XIII), e por Dio Cássio (*Historia* LX, 1-16), percebe-se uma grande perturbação e uma grande luta para Cláudio se manter no poder. Ou seja, essa perseverança mostrada por Cláudio poderia ser uma virtude que ele gostaria que fosse caracterizada como uma virtude imperial. Cabe ressaltar que, em uma nota do *Roman Imperial Coinage*, os editores do livro discutem a quem a virtude da *Constantia* estaria relacionada. Pela inscrição, CONSTANTIAE AVGVSTI, não poderia estar relacionada a Antônia, pois o genitivo AVGVSTI se refere ao masculino. Assim, os editores acreditam que a virtude aqui enaltecida estaria se referindo a Augusto.

Outra virtude que aparece na moeda é PAX (paz), também nos anos iniciais do principado de Cláudio (Figura 4). No anverso, a moeda traz a efígie de Cláudio com a seguinte inscrição T CLAVD CAESAR AVG P M TR P, e no reverso traz a representação da *Pax*, caminhando e segurando um caduceus que aponta para uma serpente com a inscrição PACI AVGVSTAE.



**Figura 4:** RIC I *Claudius* 9

**Fonte:** [http://wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC\\_0009.jpg](http://wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC_0009.jpg).

Ainda dentro das representações de virtudes imperiais, uma que merece ser destacada para o principado de Cláudio é a da *Libertas* (Figura 5). A moeda traz no anverso a efigie de Cláudio com a inscrição TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP. O reverso traz a representação da *Libertas* segurando o *pileus* e estendendo a mão esquerda, acompanhada da inscrição LIBERTAS AVGVSTA, e a sigla S C, ou seja, cunhadas com a permissão do Senado (por se tratar de uma moeda de bronze).<sup>1</sup>

**Figura 5:** RIC I *Claudius* 97

**Fonte:** [http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1859.html#RIC\\_0097](http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1859.html#RIC_0097).

Outra virtude louvada no Principado de Cláudio é a *Spes* (Esperança). Ela está cunhada em um sestércio, que é datado entre 41-50. A figura traz no anverso a efigie de Cláudio e a inscrição TI CLAVDIVS CAES AVG P M TR P IMP. No anverso, traz a representação da *Spes*, segurando flores e com a túnica elevada, juntamente com a inscrição S C (Figura 6).

<sup>1</sup> No principado de Cláudio, as moedas de ouro e prata somente eram cunhadas pelas oficinas imperiais.

**Figura 6:** RIC I *Claudius* 99

**Fonte:** [http://www.wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC\\_0099.4.jpg](http://www.wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC_0099.4.jpg).

Pela falta de uma datação precisa, não se pode relacioná-la a eventos específicos do principado de Cláudio. Por este espaço temporal (41-50), poderia se relacionar à própria ascensão de Cláudio, após os anos funestos do governo de Caio Calígula. Poderia estar ligada ao fim da revolta da Dalmácia liderada por Camilo Escriboniano. Ou ainda, à morte de Messalina, e ao subsequente casamento com Agripina e à adoção de Nero. Diferente de outras moedas com uma data específica, como aquela (Figura 7)<sup>2</sup> contendo a representação da *Victoria Avgvsti*, datada de 41 – 42, esta sim poderia estar ligada ao evento da vitória sobre Camilo Escriboniano.<sup>3</sup>

**Figura 7:** RIC I *Claudius*

**Fonte:** <http://www.dirtyoldcoins.com/roman/id/clau/clau036.jpg>.

<sup>2</sup> No anverso, a moeda traz a efígie de Cláudio e a legenda TI CLAVD CAESAR AVG PM TR P e, no reverso, a representação da *Victoria* empunhando um escudo com a sigla OB S C.

<sup>3</sup> Existe ainda a possibilidade de a moeda estar relacionada simplesmente à ascensão de Cláudio ao poder, à vitória na campanha da Mauritânia. Porém, isso é pouco provável, já que a campanha da Mauritânia não era tida pelo próprio Cláudio como um grande feito de seu principado. Sobre a ascensão, existem outras moedas que são utilizadas para representar este evento.

Outra temática ligada ao caráter religioso nas representações numismáticas é a representação de ofícios desempenhados por imperadores e por pessoas ligadas ao imperador. Este fenômeno não é exclusivo do Principado: ele passa a ocorrer nos séculos finais da República, principalmente ligado a dois colégios sacerdotais, o dos áugures e o dos pontífices. Ainda no período republicano, é possível encontrar moedas cunhadas com as efígies de Pompeu (postumamente), César, Bruto, Otaviano, Lépido e Marco Antônio. Destaca-se que muitas vezes existe a referência direta ao ofício através de abreviações de ofícios ou titulações, como AVGVR (áugures) ou PONT (pontífices). Já na época imperial, surge a abreviação P M (*pontifex maximus*).

Sob o principado de Cláudio, no que tange às moedas imperiais, cabe destacar uma moeda que apresenta o imperador realizando práticas de *pontifex maximus*. A moeda (figura 8) faz um louvor à mãe do imperador, trazendo no anverso a efígie de Antonia, e a legenda ANTONIA AVGVSTA. No reverso, traz a representação de Cláudio em vestes sacerdotais e empunhando um *simpulum* e a legenda TI CLAVDIVS CAESAR AVGVSTVS P M TR P IMP.

**Figura 8:** RIC I *Claudius* 92



**Fonte:** [http://www.wildwinds.com/coins/ric/antonia/RIC\\_0092.3.jpg](http://www.wildwinds.com/coins/ric/antonia/RIC_0092.3.jpg).

Ainda sobre a prática de ofícios sacerdotais, merecem ainda destaque duas outras moedas do principado claudiano, em que a temática se faz presente. Uma primeira, fazendo referência ao culto a Augusto, é uma moeda com a efígie de Antônia (Figura 9), trazendo, no anverso, a inscrição ANTONIA AVGVSTA. No reverso, traz a inscrição SACERDOS DIVI AVGVSTI, e duas longas tochas com uma fita amarrando ambas.



**Figura 9:** RIC I *Claudius* 68

**Fonte:** [http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1901.html#RIC\\_0068](http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1901.html#RIC_0068).

A segunda moeda traz a efígie de Nero, ainda como herdeiro ao trono imperial. Traz no anverso a efígie do jovem Nero, com a inscrição NERO CLAVD CAES DRVSVS GERM PRINC IIVENT. No reverso, a moeda traz a inscrição SACERD(OS) COOPT(ATUS) IN OMN(IA) CONL(EGIA) SVpra NVM(ERUM) EX SC, e as representações de um *simpulum*, em um tripé, e de um *lituus* em uma patera (Figura 10).

Esta prática de associar os herdeiros ao trono imperial a sacerdócios foi recorrente nos demais governos, pois era um primeiro modo de inserir os herdeiros ao trono imperial na vida pública. Ainda mais, como no caso de Nero, que tinha pouca idade quando foi adotado e escolhido por Cláudio como herdeiro ao posto imperial.

**Figura 10:** RIC I *Claudius*

**Fonte:** [http://wildwinds.com/coins/sear5/s1915.html#RIC\\_0076\[claudius\]](http://wildwinds.com/coins/sear5/s1915.html#RIC_0076[claudius]).

O que se percebe no contexto das moedas imperiais é que estas se relacionam à necessidade de se louvar o imperador e os membros da família imperial de alguma forma. Faz necessário lembrar que as moedas de origem imperial, em teoria, são moedas encomendadas pelo próprio imperador. Apresentam-se, portanto, de modo diferente quando se trata da análise de moedas provinciais.

Segundo Williams, o principado de Cláudio demarca um momento importante quanto à cunhagem provincial no Ocidente, local onde há o registro de práticas de sacrifícios envolvendo a imagem do imperador. De tal modo, que

após o desaparecimento final das cunhagens provinciais ocidentais no reinado de Cláudio, eles (*registros de práticas de sacrifício*) parecem todos, mas ausente das cunhagens provinciais no leste. Ao contrário da representação de templos, este aspecto particular da iconografia religiosa romana, claramente não ressoam lá. O que vemos em vez disso é a representação de objetos relacionados com as festas e jogos que surgiram nas províncias orientais: mesas agonistas, coroas e grinaldas (Klose 2005; fig 11.19.). Em paralelo com a sua busca por títulos *neocoric*, as cidades competiam entre si para garantir permissões imperiais para celebrar festivais de prestígio. Noventa e quatro cidades diferentes são conhecidos por terem emitido moedas com tipos de agonistas. As raízes deste estilo provincial estava na sensibilidade romana para representações de *realia* cultural. O seu desenvolvimento posterior no reino de festivais e jogos no leste grego é em função da maneira pela qual as cidades relacionavam com o imperador, e uns aos outros (WILLIAMS, 2007).

No contexto imperial, o louvor ao imperador (e, por vezes, de outros membros da família imperial) atende a outra necessidade: ganhar o favor da família imperial. As cunhagens partem de diversas cidades do Império e apelam ao imperador ou a magistrados provinciais. Entretanto, o elemento que mais se destaca dessas cunhagens é a valorização do local. A cunhagem de templos, estátuas de deuses locais e por vezes práticas religiosas demarcam uma identidade local diante de uma estrutura imperial. Segundo Howgego (2001), temos sempre que ter em mente que o imaginário religioso que se mostra presentes nas moedas, exprime a visão de quem controla a *pólis*. Sendo assim, não veremos expressões de culto das minorias, como no cristianismo primitivo nessa época, ou de louvores religiosos privados. Em algumas ocasiões, deuses locais adquiriram espaço dentro da cunhagem imperial. Um exemplo notável é Ártemis (ou Diana, no leste do Império) sob o principado de Cláudio, no qual moedas são cunhadas após o ano 50 (Figura 11).

**Figura 11:** RIC I *Claudius* 119



Fonte: [http://www.wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC\\_0119.2.jpg](http://www.wildwinds.com/coins/ric/claudius/RIC_0119.2.jpg)

Esta moeda, de tipologia imperial, cunhada em Éfeso, traz a inscrição TI CLAVD CAES AVG AGRIPP AVGVSTA e as efígies sobrepostas de Cláudio e Agripina. No reverso, observa-se a estátua de Artêmis de Éfeso,<sup>4</sup> além da inscrição DIANA EPHESIA. Nesta perspectiva, observa-se que o templo e a estátua demarcam certa identidade local, em meio a uma mídia de abrangência imperial. A moeda seria uma mídia que, além dessa identidade local, carrega consigo a imagem da família imperial, provando que esta identidade local é valorizada através da imagem de Diana de Éfeso (ou Ártemis), citada por diversos autores da Antiguidade, inclusive Paulo (Atos 19. 23-41).

E, naquele mesmo tempo, houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho. Porque certo ourives da prata, por nome Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, dava não pouco lucro aos artífices, aos quais, havendo-os ajuntado com os oficiais de obras semelhantes, disse: Senhores, vós bem sabeis que deste ofício temos a nossa prosperidade; e bem vedes e ouvis que não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia, este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos. E não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo a ser destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram. E, ouvindo-o, encheram-se de ira, e clamaram, dizendo: Grande é a Diana dos efésios. E encheu-se de confusão toda a cidade e, unânimes, correram ao teatro, arrebatando a Gaio e a Aristarco, macedônios, companheiros de Paulo na viagem. E, querendo Paulo apresentar-se ao povo, não lhe permitiram os discípulos. E também alguns dos principais da Ásia, que eram seus amigos, lhe rogaram que não se apresentasse no teatro. Uns, pois, clamavam de uma maneira, outros de outra, porque o ajuntamento era confuso; e os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado. Então tiraram Alexandre dentre a multidão, impelindo-o os judeus para diante; e Alexandre, acenando com a mão, queria dar razão disto ao povo. Mas quando conheceram que era judeu, todos unanimemente levantaram a voz, clamando por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios. Então o escrivão da cidade, tendo apaziguado a multidão, disse: Homens efésios, qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana, e da imagem que desceu de Júpiter? Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente; porque estes homens que aqui trouxestes nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa. Mas, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há procônsules; que se acusem uns aos outros; E, se alguma outra coisa demandas, averiguar-se-á em legítima assembleia. Na verdade até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo causa alguma com que possamos justificar este concurso. E, tendo dito isto, despediu a assembleia.

É importante lembrar que esta identidade local não é algo dado em um momento X da sociedade, mas uma construção permanente e contestada num contexto histórico particular, tendo como base critérios subjetivos e não objetivos. Destaca-se que a construção de identidade é uma grande forma de se gerar poder e, neste caso, como

---

<sup>4</sup> O templo de Ártemis, reconhecido como uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, mencionadas por Antipatro e Philon entre os séculos II e I a.C.

salienta Fergus Millar as moedas seriam a mais deliberada forma de se expressar de forma simbólica essa identidade pública. Ou seja, é uma forma *deliberada e pública*.

O que a cunhagem mais obviamente oferece é uma enorme gama de representações autodefinidas e explícitas de público / oficial / identidades comunitárias, principalmente de natureza cívica. O material assim, em grande parte nos permite evitar os problemas espinhosos associados com identidades definidas externamente como implícitas e privadas. A mídia pública como cunhagem não é o lugar para procurar aberta oposição ao imperador romano. E convida, ao invés de respostas, a questão de até que ponto as identidades públicas pode ter sido entendido como "resistência" secreta para Roma, em que medida eles representavam uma auto-definição projetado para acomodar ou mesmo reproduzir atitudes romanos, e em que medida eles até podem ter sido inspirados ou promovido pela própria Roma (MILLAR, 2001).

Ou seja, apesar de se apresentar como uma forma deliberada de simbolismo, não podemos medir qual seria a influência do centro de poder sobre a exibição dessa identidade local. Especialmente em se tratando das moedas do Principado, no qual há, de forma ainda não bem definida pela historiografia, um controle por parte da *domus Caesaris*, do uso da imagem de seus membros.

Nessa perspectiva, pode-se pensar em uma grosseira, mas existente, relação entre o ato de erigir estátuas e a cunhagem de moedas. Tal relação é posta no ato de se pedir a autorização imperial para o uso de suas imagens. Tem-se como exemplo disso a embaixada de alexandrinos a Roma, buscando a autorização para o imperador para o uso de sua imagem em estátuas. O primeiro pedido é relatado por Filo (25 a.C.-50 d.C.), sobre uma estátua de ouro que Calígula exigia que Ihe fosse louvada no Templo, em Jerusalém. Este episódio se mostra importante porque, em meio a exigências de Calígula, a comunidade judia se posta contra tal ato, pois seria uma violação às leis de Deus. Ou seja, trata-se claramente da reafirmação de uma identidade local frente ao poder imperial.

O segundo relato está registrado na carta de Cláudio aos alexandrinos. Através desta, entende-se que antes esteve em Roma uma embaixada, pedindo a autorização de Cláudio para se erigir estátuas do imperador em Alexandria. Na carta em resposta a essa petição, Cláudio cita os embaixadores responsáveis por tal petição: Tibério Cláudio Barbilo; Apolônio, filho de Artemidoro; Queremão, filho de Leônidas; Marcos Júlio Asklepiades; Caio Júlio Dionísio; Tibério Cláudio Farias; Pasião, filho de Potamão; Dionísio, filho de Sabião; Tibério Cláudio Archibio; Apolônio, filho de Aristão; Caio Júlio Apolônio; e Hermaiskos, filho de Apolônio. Além dos nomes citados, a carta também se refere ao laço estreito que unia os alexandrinos e os romanos desde os tempos de Augusto, assim como o grande afeto que alexandrinos tinham para com ele e seus familiares, e ao entusiasmo passado pelo relato de Germânico. Em seguida, a carta entra no assunto das honrarias:



Por isso, aceitei de bom grado as honras dadas a mim por vocês, embora eu não tenha nenhuma falta de resistência para essas coisas. E primeiro, *eu permito* que vocês mantenham o meu aniversário como um dia Augusto como vocês propuseram; e *concordo com a ereção em seus vários locais de as estátuas de mim e minha família*; pois vejo que vocês estariam ansiosos para estabelecerem em cada lugar monumentos de suas reverências para minha casa. Das duas estátuas de ouro, a que é feita para representar o *Pax Augusta Claudiana*, como o meu mais honrado Barbilo sugeriu e suplicou quando eu quis recusar, por medo de ser considerado muito ofensivo, *será erguido em Roma*; e a outra de acordo com seus pedidos deve ser levada em procissão nos dias de mesmo nome em sua cidade, e deve ser acompanhada por um trono adornado com qualquer pompa que vocês escolherem (Grifos meus).

Ao contrário do episódio do Principado de Caio Calígula, este trecho da carta aos alexandrinos mostra os cidadãos locais pedindo pelo uso da imagem da família imperial como um todo, e recebendo essa permissão do próprio imperador. Assim, pode-se afirmar que é o imperador que norteia o uso da imagem, aceitando ou não as sugestões da embaixada, como é possível observar quanto ao uso da *Pax Augusta Claudiana*.

Por fim, nessa passagem, o único espaço dado para a manifestação da identidade local seriam os adornos do trono. Provavelmente, nestes adornos estariam presentes elementos locais, como flores ou animais nativos. Em um trecho mais adiante, há a menção à prática religiosa:

Mas eu deprecio a nomeação de um sumo sacerdote para mim e para a construção de templos, pois eu não quero ser ofensivo para os meus contemporâneos, e minha opinião é que os templos e tais formas de honras têm sido por todas as eras concedidas como uma prerrogativa para somente os deuses.

Este último trecho selecionado da carta serve como exemplo de normativa de como seria a representação numismática de Cláudio ao longo do seu principado, no contexto provincial. Cláudio, assim como os demais membros da família imperial, seria representado com seus títulos e honras, mas não portando um caráter religioso nessa representação. Percebe-se, portanto, que se abriu um espaço nas representações numismáticas para elementos de uma identidade local através de uma temática religiosa.

Em meio a todo este processo, encontram-se as mais diversas representações de divindades, templos, rituais e sacerdócios nas diferentes províncias do Império, mostrando a pluralidade de identidades locais dentro das fronteiras do Império. Como primeiro exemplo dessas representações, temos uma das poucas moedas de origem provincial cunhada no Ocidente. Trata-se de uma moeda da Hispânia, da cidade de Ebusus. No anverso, a moeda traz a efígie de Cláudio e, no reverso, a representação do deus Bes (Figura 12).

**Figura 12:** RPC 482

**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

O deus Bes, originário da religião egípcia, é representado como um anão, barbudo e segurando um chocalho. Sua representação artística é uma das poucas que o trazem representado de frente, característica única se levarmos em conta a arte egípcia. Bes era o guardião dos partos, e também é muito comum encontrarmos imagens suas em outras partes da África, o que nos permite imaginar como esse aspecto religioso se mostra perene nas fronteiras do Império.

O maior repertório de cunhagens será mesmo observado, todavia, no Oriente, onde é possível mapear certos elementos que definiram certa identidade local como, por exemplo, Grécia, Macedônia e parte da Ásia Menor que, frequentemente, cunharam moedas contendo deuses de origem helenística. Observa-se também que são comuns representações ou alusões a Zeus e Apolo nas moedas provinciais durante o principado de Cláudio. Dentre os exemplos, observamos, em Creta, moedas com a representação de Zeus.

Além disso, em um tetradracma dessa região, o anverso traz a efígie de Cláudio com a inscrição ΤΙΒΕΡΙΟΥ ΚΛΑΥΔΙΟΥ [Υ Σ] ΕΒΑΣΤΟΥ ΓΕΡΜΑΝΙΚΟΥΥ e, no reverso, a representação de Zeus nu, segurando um raio, um cetro e, no restante do campo, sete estrelas (Figura 13).<sup>5</sup>

**Figura 13:** RPC 482

**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

<sup>5</sup> O tetradracma era uma moeda típica da região oriental do Império.

Na Síria, encontramos moedas com a representação de Ísis na cidade de Biblos. A moeda traz, no anverso, a efígie de Cláudio e a inscrição ΚΛΑΥΔΙΟΥ ΚΑΙΣΑΡΟΣ e, no reverso, a representação de Ísis Fária (Figura 13). Esta representação de Ísis tem origem na cidade de Faros, no Egito, e seria a guardiã da cidade e do farol construído nesta região.

**Figura 14:** RPC 4528



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

Na cidade de Ascalon, há a representação de uma divindade de origem oriental ao Império. Trata-se de Fanebal, que seria uma fusão entre Ba'al e Tanit, e que seria caracterizado como o deus da guerra nestes cultos. Também, é visto como representação análoga a Apolo, pelo fato de suas representações trazerem o elemento harpa. A moeda (Figura 14) traz, no anverso, a efígie de Cláudio. No reverso, observa-se a abreviação A Σ referente à cidade de Ascalon, situada na Palestina, e a representação de Fanebal segurando um escudo e uma harpa.

**Figura 15:** RPC 4886



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

Não são apenas as divindades que demarcaram, no entanto, este pluralismo de identidades dentro do Império. Os templos são outra representação presente nas moedas ligando a imagem do imperador ao elemento local. Pensa-se que estes templos, como o já citado Templo de Diana, em Éfeso, eram lugares de peregrinação de várias pessoas, tornando, assim, o local famoso.

Dessa forma, podemos distinguir as representações de templos em duas categorias: representações que não trazem menção à divindade que é cultuada neste local; e templos que são representados com estátuas que indicam a divindade cultuada. Tem-se como exemplo e, que se repete numerosas vezes nas representações numismáticas, o templo em louvor a Augusto e a Roma, ou somente em louvor a Augusto como é possível encontrar em regiões como Creta, Koinon, Dium (Macedônia), Filipos, Ásia ou Pérgamo. Apesar, de ser um importante objeto para estudo, principalmente no que tange ao culto imperial, não farei análises sobre eles por não representarem um demarcador de uma identidade local.

Por outro lado, moedas com este tipo de representação estão espalhadas por todo o Império, sempre contendo uma arquitetura helênica. Como primeiro exemplo, temos um templo em Corinto. Na moeda (Figura 16), observa-se, no anverso, o a efígie de Cláudio e a inscrição TI CLAVD CAESAR AVG P P, e, no reverso, a representação de um templo na Acrópole da cidade com a inscrição LICINO ITER OCTAVIO IIVIR (ou OCTAVIO IIVIR LICINO ITER), ou seja, fazendo menção ao *duumvir* da cidade de Corinto, magistrado responsável pela cunhagem da moeda.

**Figura 16:** RPC 1180



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

Esta moeda valoriza a localidade por trazer, em destaque, não somente o templo, mas a acrópole da cidade. Na Mésia, uma moeda contendo a efígie de Agripina traz outra representação de templo. A moeda (Figura 17) traz, no seu anverso, a efígie de Agripina



com a inscrição ΑΓΡΙΠΙΝ[ e, no reverso, ΤΟΜΙ ΦΑΙΔΡΟ e a representação de um templo de quatro colunas, fazendo referência à cidade de Tomis.

**Figura 17:** RPC 1835



**Fonte:** [http://wildwinds.com/coins/ric/agrippina\\_II/RPC\\_1835.jpg](http://wildwinds.com/coins/ric/agrippina_II/RPC_1835.jpg).

Os templos que mais se destacam para este estudo, no entanto, são templos que trazem junto de sua representação a divindade louvada nestes locais. Assim, dentro do conjunto imagético da moeda, não somente o espaço de culto ganha destaque na formação de uma identidade local, mas a divindade, vista em muitos casos, como guardiã da cidade.

Em Alabanda (Ásia Menor), uma moeda (Figura 18) traz, no anverso, a efígie de Britânico (filho de Cláudio) e a inscrição ΚΛΑΥΔΙΟC ΒΡΕ[ ]ΝΙΚΟC ΚΑΙCΑΡ e, no reverso, a representação de um templo em louvor a Apolo, composto por seis colunas e em enxergo uma ovelha, simbolizando rituais de sacrifício, acompanhada da inscrição ΑΛΑΒΑΝΔΕΩΝ.

**Figura 18:** RPC 2820



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

Já na Lícia, a divindade mostrada nas moedas é Artêmis. Uma das moedas, cunhadas durante o Principado de Cláudio, traz, no anverso, a efígie de Cláudio com a inscrição ΤΙΒΕΡΙΟΣ ΚΛΑΥΔΙΟΣ ΚΑΙΣΑΡ ΣΕΒΑΣΤΟΣ e, no reverso, a inscrição ΠΑΤΗΡ ΠΑΤΡΙΔΙΟΣ ΓΕΡΜΑΝΙΚΟΣ ΑΥΤΟΚΡΑΤΩΡ, com a representação da estátua do culto de Ártemis Eleutéria num templo de duas colunas (Figura 19). Em outra moeda da mesma região, observa-se que o destaque é dado à prática do *bucranium* (sacrifícios de touros). Nesta, podemos observar, no anverso, a efígie de Cláudio e a inscrição ]ΚΑΙCΑΡ e, no reverso, além da representação do altar de *bucranium*, a inscrição ΕΠΙ ΑΦΡΙΝΟΥ (Figura 20).

**Figura 19:** RPC 3342



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

**Figura 20:** RPC 3561



**Fonte:** Amandry; Brunnet; Ripolles (2005).

### Considerações finais

Tendo como fonte as moedas cunhadas sob o principado de Cláudio, percebe-se que a temática religiosa é presente tanto nas moedas imperiais quanto nas provinciais. Nas moedas imperiais, observa-se que a temática, em muitos momentos, servia ao

propósito de propaganda política, principalmente relacionada à família imperial e à sucessão no poder, exibindo membros da *domus Caesaris* associados a divindades ou práticas religiosas, como é o caso da ascensão de Cláudio e depois a adoção de Nero.

Enquanto isto, nas moedas provinciais, observa-se que estas atendem, em parte, a uma demanda imperial, apresentando o imperador e sua família, mas em muitos casos apresentando elementos que visavam a construir uma identidade local. Templos, estátuas e práticas religiosas são representados com o intuito de construir elementos locais e destacar as pluralidades entre as diversas localidades do Império Romano, nos tempos de Cláudio.

## Referências

### Documentação textual

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição coordenada por Gilberto Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1997.
- AMANDRY, A., BRUNET, A., RIPOLLES, P. P. (Eds.). *Roman provincial coinage*. Londres: British Museum Press, 2005. v. 1.
- DIO CASSIUS. *Roman History*. London: Harvard University Press, 1917.
- MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. (Ed.). *The Roman imperial coinage*. London: Spink, son, 1948. v. 1.
- SUETONIUS, G. *Lives of the Caesars*. London: Harvard University Press, 1997. v. 1.
- TIBERIUS CLAUDIUS CAESAR AUGUSTUS GERMANICUS. *Letter to Alexandrians* (41 d.C.). In: HUNT, A. S.; EDGAR, G. C. (Eds.). *Select Papyri II*. London: Harvard University Press, 1934, p. 78-89.

### Obras de apoio

- HEUCHERT, V., HOWGEGO, C. (Eds.). *Coinage and identity in the Roman provinces*. Oxford: Oxford University Press, 2005
- HOWGEGO, C. *Ancient History from coins*. London: Routledge, 2001.
- KLAWANS, Z. *Reading and dating Roman imperial coins*. Racine: Whitman Publishing Company, s/a.
- MILLAR, F. *The emperor in the Roman world*. London: Duckworth, 2001.
- NOREÑA, C. F. The Communication of Emperor's Virtues. *Journal of Roman Studies*, n. 91, p. 146-168, 2001.
- WILLIAMS, J. Religion and roman coins. In: RÜPKE, J. (Ed.) *A Companion to Roman religion*. Victoria: Blackwell Publishing, 2007, p. 143-163.